

ESPECIAL

E os corações podem bater

> Nabil checa a saúde de nossos atletas no Pan



GLENDIA CARQUEIJO
glenda.carqueijo@grupopostado.com.br

Há 35 anos atendendo atletas de diferentes modalidades, o cardiologista Nabil Ghorayeb, coordenador clínico do Sport Check-up, do Hospital do Coração (HCor), recebeu uma missão do Comitê Olímpico Brasileiro: avaliar 500 atletas pré-classificados aos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro.

Nabil e sua equipe do HCor deram início ao trabalho em agosto. É a primeira vez que o COB exige exames rigorosos. Os resultados, até agora, segundo Ghorayeb, são surpreendentes.

O grande problema, segundo ele, é o alimentar. Muitos atletas estão com colesterol alto (*veja quadro ao lado*). “O atleta, principalmente da modalidade de força, como boxe, tem tendência a comer carne, porque acha que vai ficar mais forte. A mãe faz bife desde o café da manhã até a noite. Só prejudica. O que dá força é carboidrato.”

Até agora, foram examinados quase 300 atletas – 1% deles já foi afastado por problemas no coração. São dois casos no atletismo, que o médico prefere não revelar nomes. Um deles já está voltando a treinar, depois de ter ficado parado por 90 dias. O outro aguarda nova avaliação.

O fato de um atleta ficar parado

não quer dizer que ele não possa voltar a treinar. Mas também não significa que ele não terá risco de vida. Como exemplo, Ghorayeb cita o caso do jogador Alex, do Guarani, que foi afastado por problemas cardíacos. Para se manter em atividade, o clube arrumou um emprego para ele no Brinco de Ouro. E ele faleceu na porta do clube, empurrando um carro. “O esporte não mata. Mas também não é vacina. O que mata são as doenças reveladas nos exames que não são valorizadas pelo atleta.”

Para o médico, a melhor coisa a fazer em casos de afastamento é a paciência. “O William (Palmeiras) ficou dois anos longe dos gramados e

a doença dele curou.”

Mesmo com todos os avanços da medicina, o médico alerta que ninguém consegue evitar um mal súbito. “Não existe risco zero.”

Mas todos aqueles que são avaliados, como os atletas que irão ao Pan, têm a segurança de saber que não possuem nenhuma doença congênita, principal causa de mortes. “Essas doenças congênitas não foram detectadas a tempo no caso do Serginho (São Caetano), do húngaro Miklos Feher e do camaronês Marc Vivien Foe.”

Anos atrás, porém, a realidade era bem diferente. Ghorayeb conta que atletas pegavam o resultado de exames, rasgavam e continuavam a jogar. “Muitos morreram assim, como Zezinho Figueira (Inter de Limeira); Carlão, que jogava basquete na Franca. Morreram porque recusaram a conduta médica.”

Os atletas que não estão com a equipe do HCor, em São Paulo, por causa da distância, fazem os exames em suas cidades. O rigor é o mesmo. Todos os exames passam pelas mãos de Nabil.

Mais de mil atletas de diferentes modalidades – dos 7 aos 90 anos – passaram por Ghorayeb.

No passado, atletas eram avaliados na véspera de competições. “Se apresentassem alterações, não tinha o que fazer. Perdia-se atletas nas competições, porque não dava tempo de tratar.”

RAIO X DOS ATLETAS

Alterações fisiológicas 39%

Coração sem alteração 25%

Erros alimentares 15%

Parasitose intestinal 6%

Colesterol 4%

Afastamento 1%*

*Dois casos do atletismo

INFOGRÁFICO/AE



Nabil é coordenador do 'Sport Check-up' do HCor. E avalia atletas há 35 anos

TIAGO OUIROZ/AE